

TRABALHO FEMININO NA FÁBRICA DE LOUÇAS SANTO EUGÊNIO (1921-1939/ 1960-1973)

Ailma dos Anjos, Denilson Leandro Castro Maciel, Luís Fernando Rocha Araujo

Orientadora: Maria Aparecida C. R. Papali

Univap/ Faculdade de Educação, R. Tertuliano Delphin Jr, nº 181 Jardim Aquarius,
ailmaanjos@yahoo.com.br

Univap/ Faculdade de Educação, R. Tertuliano Delphin Jr, nº 181 Jardim Aquarius,
denilsonleandrom@bol.com.br

Univap/ Faculdade de Educação, R. Tertuliano Delphin Jr ,nº 181 Jardim Aquarius,
lulyposer@hotmail.com

Resumo- O objetivo deste trabalho é resgatar a história da mão-de-obra feminina na primeira indústria de São José dos Campos, ou seja, na Fábrica de Louças Santo Eugênio e no sentido que assumiu para essas mulheres a transformação de dona-de-casa para a condição de operária em uma dupla jornada de trabalho. A mão-de-obra feminina foi amplamente utilizada pela fábrica em toda a sua existência , de 1921 a 1973,os períodos escolhidos foram a titulo de comparação dessa nova realidade social e é através do olhar dessas ex.-operárias que analisaremos de que forma o capital se utilizou do seu sobretrabalho .

Palavras- chave: mulher, operária, indústria e cotidiano

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução: A Fábrica de Louças Santo Eugênio foi a primeira a se instalar na cidade de São José dos Campos em 1921, que viria a se consagrar como pólo industrial anos mais tarde.

O seu pioneirismo foi uma característica importante para que pudéssemos escolhê-la para a realização de nossa pesquisa, aliando-se a carência textual sobre o assunto e a peculiar falta de documentação sobre a fábrica que foi um marco para a cidade que via na industrialização a oportunidade de se expandir modernizar.

Objeto central de nossa pesquisa é a mão-de-obra feminina utilizada pela fábrica no período de 1921-1939/1960-1973. Esses dois períodos foram para se traçar um panorama vivido pelas primeiras

operárias joseenses, de como se deu sua introdução na fábrica, a sua área de atuação, grau comparativo aos trabalhadores do sexo masculino, seu lugar de nascimento, etc.; os anos de 1960 a 1973 que retratam os últimos anos da fábrica vão nos mostrar qual a realidade dessas mulheres operárias num período em que a cidade estava caminhando para se tornar um pólo industrial em nível sub-regional e a sociedade estava lutando por mais igualdade social apoiada por leis e por movimentos sociais femininos, operários etc. No entanto, tivemos que resgatar de certa forma a própria história da fábrica, após percebermos a falta de documentação sobre ela a divergência de algumas importações existentes Para a realização

de nossa pesquisa usamos como referência obras que retratam a industrialização em São José dos Campos, a participação da mulher na indústria, a mudança em sua vida social bem como a sua importância no crescimento do mercado de trabalho.

Metodologia: A dificuldade em se encontrar fontes orais, pois parte de nosso trabalho é baseado em depoimentos de ex.- funcionários da referida fábrica, levou-nos a limitar a pesquisa oral ao período de 1960 - 1973, onde os depoentes nos fornecem a história de seu cotidiano fora e dentro da fábrica.

Outra fonte de informação de nossa pesquisa foram às fichas de registros dos funcionários da Santo Eugênio como era conhecida a fábrica, disponíveis no Arquivo Público do Município de São José dos Campos, num total de 2.500 fichas. Jornais e publicações de época também foram sendo utilizadas na pesquisa.

Resultados: Os resultados obtidos com a análise das fichas dos operários e com os depoimentos orais nos mostraram que: a maioria das mulheres contratadas eram de outras regiões, solteiras e sem filhos, eram em grande quantidade mas nunca ultrapassavam o número de funcionários homens e sua participação foi crescendo no decorrer dos anos. Nos depoimentos constatamos que a fábrica contratava menores a partir de 12 anos sem registrá-los, o ambiente de trabalho era amistoso sem pressão dos patrões, e nem desrespeito por parte dos operários, constatamos também que apesar das condições de trabalho precárias os funcionários demonstram grande afeto pela fábrica devido ao seu ambiente familiar e paternalista

Discussão: Nosso trabalho procurou discutir questões como: exploração e submissão das mulheres dentro da fábrica contextualizando com as condições de trabalho da época; pois em 1921 a 1939 a fábrica produzia segundo os moldes do Taylorismo utilizando-se da padronização e produção em série como forma de reduzir os custos e elevar os lucros; trabalho de forma intensa, padronizado e fragmentado para gerar ganhos na produção; negava criatividade do trabalhador pois o trabalhador seguia um trabalho pré-determinado e rotineiro e o trabalhador que produzi-se mais em menos tempo receberia gratificações.

Todas essas práticas foram amplamente utilizadas pela Fábrica de Louças Santo Eugênio pois os operários seguiam sempre o mesmo modelo produção fabricando sempre as mesmas peças dessa forma ganhavam experiência em seu ofício o que lhes proporcionava maior agilidade gerando aumento na produção; essa rotina diária de trabalho criava no trabalhador uma consciência de um trabalho pré-moldado reduzindo sua criatividade; aquele trabalhador mais hábil obteria maiores rendimentos.

No caso específico das mulheres aquelas que pintavam mais peças em menos tempo ganhariam mais pois a fábrica utilizava-se de pagamentos por empreitada.

Já no período de 1960 a 1973 a fábrica apresentou algumas mudanças seguindo os moldes Fordistas da época, como troca dos fornos movidos a lenha pelos movidos a óleo baiano; instalação de algumas máquinas e esteira elétrica.

Outro ponto a ser abordado será o aumento da participação das mulheres na fábrica constatado pela análise feita nas fichas de admissão dos

operários; esse aumento se deu pela maior aceitação da sociedade a participação da mulher no mercado de trabalho, com respaldo das leis e pela luta da emancipação feminina ou seria somente devido a crescente necessidade de mão de obra nas fábricas e criação de um exercito de reserva.

Conclusão: Até então concluímos que a mão de obra feminina foi utilizada pela fábrica seguindo determinadas características do modo-de produção da época onde as mulheres tinham suas atividades de trabalho pré-estabelecidas como sendo atividades para mulheres.

A fábrica por seu ambiente familiar e paternalista não impunha regras diretas aos operários o que fazia com que esses nutrissem um sentimento de grande afeto pela mesma, o que deixava menos evidente a exploração característica do seu modo- de-produção.

A sociedade apesar de ser paternalista e as mulheres serem em menor número na fábrica em seu sentimento pessoal as mulheres não sentiam que eram discriminadas, nem por serem mulheres nem por serem operarias.

Ao contrario, apesar das dificuldades para se entrar na fábrica (pois as moças tinham que ser solteiras, sem filhos e de preferência numa faixa etária entre 14 e 24 anos de idade) elas se sentiam acolhidas e úteis, pois com o fruto de seu trabalho poderiam ajudar em suas despesas familiares.

Referencias Bibliográfica

- BLAY, Eva Alterman, Trabalho Doméstico: A Mulher na Indústria Paulista.São Paulo; Ática;1978
- CALDEIRA, João Netto, Álbum de São José dos Campos, São Paulo, Editora Organização Cruzeiro do Sul, 1934.
- CATROGA, Fernando, Memória, História e Historiografia Editora Quarteto, Coimbra, 2001
- FOUCALT, Michel. Vigiar e Punir:nascimento da prisão. Petrópolis, Ed. Vozes, 1993
- LEITE, Rosalina de Santa Cruz: A Operária Metalúrgica na Cidade de São Paulo, Editora Vozes;2º ed., São Paulo, 1984.
- OLIVEIRA, Raquel Reis de; PAIVA, Amarilda Ribeiro de: A Mão de Obra Feminina na Tecelagem Parahyba (1940 - 1960) . (Trabalho de Graduação) - UNIVAP,1999
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani, A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo, Ed. Quatro Artes, 1969
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani, O poder do macho. São Paulo, Ed. Moderna , 1990
- SANTOS, Ademir Pereira dos. Arquitetura Industrial de São José dos Campos.São Paulo, Takano Editora Gráfica LTDA, 2006.